

**APRENDER ANTROPOLOGIA PELO OLHAR  
SOCIOLÓGICO E SUBTERRÂNEO DE JOSÉ DE SOUZA  
MARTINS**

***LEARNING ANTHROPOLOGY THROUGH MARTIN'S  
SOCIOLOGICAL AND UNDERGROUND GLAZE***

---

Silvana de Souza Nascimento

*Universidade de São Paulo*

Escrever um depoimento sobre o professor José de Souza Martins trouxe-me gratas lembranças, que me levaram a revolver camadas subterrâneas de minha formação como antropóloga, cujos primeiros passos – e a descoberta do campo da Antropologia – deram-se justamente por influência direta deste brilhante professor de Sociologia. Sua elegância ao falar e ensinar dançava entre explicações teóricas complexas e eruditas e narrativas que se aproximavam de realidades muito distantes do ar *uspiano* e elitizado: classes subalternas do mundo rural e do chão das fábricas. Num dos meus primeiros dias de aula, na disciplina “Sociologia da Vida Cotidiana”, entre 1994 e 1995, recordo-me de que tivemos a oportunidade de escutar a fala, registrada em um antigo gravador, no momento de um de seus trabalhos de campo, de uma mulher simples do campo em algum lugar no interior do Brasil. Havia ruídos nas gravações, as falas enchiam-se de expressões locais que impediam a imediata compreensão do que ela dizia, e ele nos alertava para as diferentes versões da língua portuguesa, ou melhor, os variados dialetos por esse sertão afora, entre o nhengatu – língua geral falada no Brasil até o século XIX – e o português, herança do nosso passado colonial. Em diversos momentos de suas aulas, podia sentir concretamente o abismo que recortava diferentes universos, separados por clivagens políticas, econômicas, culturais, e eu me fascinava com toda esta diferença e com a presença do “outro” e do “estranho” em todas as esferas da vida social.

Tive o privilégio de ser aluna de José de Souza Martins em meados da década de 1990, momento em que ele retornava de

uma temporada na Universidade de Cambridge, onde tinha atuado como professor catedrático. Além de assistir suas aulas, também busquei, em suas orientações, no *hall* do primeiro andar do prédio das Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCCH-USP), apaziguar minhas primeiras inquietações como pesquisadora iniciante no campo das Ciências Sociais. Apesar de, naquele momento, o professor não aceitar orientar formalmente estudantes, e recusar-se a se submeter aos processos burocráticos acadêmicos, posso dizer que ele foi meu primeiro orientador. Perdida entre o desejo de realizar pesquisa de campo em lugares exóticos e, ao mesmo tempo, começar a me pensar como uma futura profissional da área, Martins apresentou-me o vasto universo do sertão brasileiro, desde as produções sociológicas clássicas, como Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, até as narrativas literárias de João Guimarães Rosa. Manuelzão, Miguilim, Diadorim, travessias entre áridos cerrados e rios, povoaram meus primeiros aprendizados sobre o interior do Brasil.

Comecei a compreender que o “sertão estava em toda parte”. Primeiro, o sertão estava em mim, cuja família, tanto paterna quanto materna, provinha de regiões rurais, pobres, e mantinha-se dentro dos preceitos do catolicismo rústico. Segundo, o sertão mostrava-se como lugar simbólico de movimento, devoção e humanidade, espaço de encontro e desencontro com o outro e consigo mesmo. Terceiro, não era preciso ir muito longe para entrar em contato com o sertão: o universo sertanejo pulsava na metrópole.

Assim, minhas primeiras pesquisas em iniciação científica voltaram-se, ainda na graduação, para a Dança de Santa Cruz, uma festa católica realizada no mês de junho, na antiga aldeia de Carapicuíba, na periferia da Zona Oeste de São Paulo. Uma manifestação popular organizada por filhos e filhas de camponeses que misturava, no ritual, elementos indígenas e rurais. Esta primeira pesquisa, com a duração de pouco menos de um ano, realizada em 1996, e com financiamento da Fapesp, foi orientada pela Profa. Heloísa Helena de Souza Martins, uma socióloga que, sempre ao lado de seu companheiro Martins, e com uma paciência rara, lia e comentava calmamente meus imaturos relatórios e que me apresentou ao campo da memória e da tradição. Posso dizer que José e Heloísa foram os responsáveis pela minha entrada no mestrado em Antropologia, com um projeto que procurava, por meio da etnografia,

conciliar as perspectivas sociológicas e antropológicas, ousadia que, posteriormente, tive que deixar um pouco de lado.

Ainda dentro do universo do sertão, e por orientação direta do Prof. Martins, fui descobrir outras paragens, desta vez não na periferia paulistana, mas em Goiás, no Centro-Oeste brasileiro. Cheguei em Goiás em meados de 1996 e por lá, entre cidades como Mossâmedes, Itaberaí, Sancrerlândia, Trindade, realizei pesquisas ao longo de dez anos. Minha entrada nesta região começou pelo Mosteiro da Anunciação do Senhor, uma preciosa indicação de Martins. Tratava-se de um mosteiro beneditino, de proposta ecumênica, cujo monsenhor (e sábio) Marcelo Barros recebeu-me e apresentou-me, pela primeira vez na minha história de vida, uma experiência divina e meditativa, sensitiva, entre sons, ruídos, ritmos corporais e espirituais. Marcelo Barros, amigo de Martins, também solicitou o auxílio de outro monge, Flávio Souza, para me acompanhar no primeiro reconhecimento das festas na região, e ali pude realizar investigações para o mestrado, *A romaria do Divino Pai Eterno - uma festa para a cidade* (2000), e para o doutorado, *Faculdades femininas e saberes rurais - Uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás* (2006), ambos realizados no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da USP<sup>1</sup>. Flávio Souza terminou por se tornar um grande amigo e compadre nessas andanças pelos campos goianos.

Sem me alongar em minha trajetória, o que tornaria o texto enfadonho e autorreferenciado, penso que a contribuição de José de Souza Martins para minha formação, além de seus conhecimentos teóricos e concretos sobre o mundo rural, também veio acompanhada do conhecimento de outros pesquisadores que igualmente foram fundamentais para meu amadurecimento intelectual, como Carlos Rodrigues Brandão e Duglas Teixeira Monteiro. O primeiro foi pioneiro em pesquisas sobre festas populares em Goiás e, com ele, em alguns encontros poéticos em Pocinhos do Rio Verde, no sul de Minas Gerais, pude compartilhar minhas descobertas nos trabalhos de campo e colocar em dúvida minhas certezas científicas. O segundo, que infelizmente não pude conhecer em virtude de seu precoce falecimento, por meio da leitura de sua obra *Os Errantes do Novo Século* (1974), praticamente o único livro publicado pelo autor a respeito do movimento milenarista do Contestado, possibilitou-me

<sup>1</sup> O mestrado e doutorado em Antropologia pela USP tiveram a valiosa orientação do Prof. José Guilherme Magani e as contribuições do Núcleo de Antropologia Urbana da USP.

compreender o imaginário da permanência da festa pelo cotidiano do universo camponês e da festa como resistência política. Desse modo, pude fazer relações entre a festa presente no milenarismo e as cantorias de folia nas fazendas goianas, onde os foliões cantavam “esta festa não se acaba, esta festa não tem fim; se esta festa se acabar, ai ai meu Deus que será de mim?”. Efetivamente, a festa não pode terminar.

Em Aula Magna realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano passado, José de Souza Martins iniciou sua fala dizendo que, se começasse a dar aulas atualmente de sociologia, apresentaria aos alunos, primeiramente, textos de literatura, como Machado de Assis e José Lins do Rego. Segundo ele, a literatura brasileira fala da vida social, e de suas disjunções, de outro modo, diferentemente dos textos clássicos de sociologia, voltados para o pensamento europeu. E, do mesmo modo, foi assim, com este professor, que aprendi a ler as práticas, os pensamentos e as representações sociais.

Em diversos momentos (em conferências, aulas, seminários, etc.), Martins sempre reafirma: “eu sou um sociólogo que aprendeu muito com os antropólogos”, e posso dizer que eu sou uma antropóloga que aprendeu muito com um sociólogo. Não posso deixar de mencionar que foi nas aulas de José de Souza Martins, na graduação, que tive o primeiro contato com alguns textos de Michel Foucault e, especialmente, com o clássico artigo “O olho do poder”, entrevista publicada em *Microfísica do Poder*, realizada com o filósofo por Jean-Pierre Barou e Michele Perrot. Neste pequeno texto, Foucault apresenta suas ideias a respeito do panóptico, modelo de organização espacial e política proposto por Jeremy Bentham, no final do século XVIII. Depois da leitura do texto, tive a oportunidade de fazer uma experiência de pesquisa de campo, com outros vários colegas da disciplina “Sociologia da Vida Cotidiana”, acompanhada do professor Martins, para Paranapiacaba, na Serra do Mar, em São Paulo. Esta vila, hoje tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), sediou a primeira companhia ferroviária de São Paulo, implantada no final do século XIX, e que ainda preservava, pelo menos nos anos 1990, a casa do engenheiro-chefe, conhecida como “Castelinho” – lugar onde se podia observar toda a movimentação dos operários no pátio ferroviário, uma experiência concreta do “olho do poder”. Assim, em Piranapiacaba, aprendi, digamos, que muitas teorias podiam ser

vivenciadas na prática dos trabalhos de campo, aprendizado que hoje replico com meus alunos e orientandos, ressaltando a importância essencial das pesquisas empíricas, da elaboração de diários de campo e da criação de etnografias críticas e criativas.

Em relação a sua vasta obra, dois livros, especialmente, destacaram-se na minha formação e foram protagonistas na construção permanente de minha história como antropóloga: *A chegada do estranho* (1993) e *Caminhada no Chão da Noite* (1989). O primeiro mostrou-se importante por reunir artigos que expressam características e processos de desencontro, violência, incerteza, resistência de modos de sociabilidade da sociedade brasileira. “Sob a devastação humana que presenciamos, persiste uma notável capacidade de recriação e regeneração de ideias e modos de vida, muitas vezes através da assimilação, redefinida, das concepções do inimigo” (MARTINS, 1993, p. 12). Martins enfatiza a necessidade de reflexão sobre os impactos da chegada do estranho na organização da vida do homem comum; o estranho que se concretiza em um desenvolvimento capitalista desenfreado, em invasões de terras dos povos indígenas, expulsões de camponeses de seus territórios tradicionais, devastação de florestas, e inúmeros outros processos contemporâneos de desumanização. Contudo, ele aponta para possibilidades históricas de processos insurgentes de transformação e renovação da vida, que incorporam estranhezas e reelaboram o destino de grupos e movimentos sociais por meio de processos contraditórios de exclusão e de antropofagia.

O segundo livro revelou-se essencial por problematizar o sentido da emancipação política das lutas dos movimentos sociais no campo e apontar para processos concretos de libertação – como emancipação – dos trabalhadores pobres no meio rural. Ainda que eu tenha me distanciado desse universo cultural, e talvez não esteja mais tão próxima de suas posições políticas, nunca abandonei a percepção do impacto das relações de poder, e dos arcaicos sistemas hierárquicos de reprodução e atualização de desigualdades econômicas, políticas e sociais.

Enfim, encerro este breve depoimento com uma citação do professor, uma das pessoas fundamentais que contribuiu para que eu me tornasse antropóloga e professora, e cujas palavras remetem a uma celebração do popular e de suas contínuas festas e lutas. “Pode-se entender porque a cultura popular deste país constitui um

arquivo multicolorido, retalhos da história do povo, de canções que celebram o amor e a festa e, frequentemente, dissimulam a guerra e o luto. Memória de um povo que, ao contrário da pequena-burguesia intelectualizada, não separa a festa e a luta, porque sem a festa a luta não tem sentido.”

Recebido em 17/09/2013

Aprovado em 30/09/2013

